



Pedra do Raio: Um mito universal no Alto Vale do Jequitinhonha | *Maria Cláudia Orlando Magnani, Heitor Alves Bispo Junior e Maurizio Fedeli*

doutora em história da arte e professora permanente do programa de pós-graduação em Ciências Humanas da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri | mariaclaudiamagnani@gmail.com

mestre em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri | h.bispoj@gmail.com

mestre pela Università degli studi di Milano-Bicocca | kindl53@yahoo.it

Resumo: Este trabalho aborda a presença do mito universal da pedra do raio e suas peculiaridades no Alto Vale do Jequitinhonha, no município de Felício dos Santos, Minas Gerais. Em termos arqueológicos, as pedras de raio são denominadas de ferramentas líticas ou lâminas de machado (polidas ou não), tendo sido produzidas por grupos ameríndios do pretérito. A partir da compreensão dos mitos relacionados aos raios em diferentes culturas, o presente trabalho apresenta também distintas regiões da Europa onde a ocorrência das lendas ligadas a esse mito tem sido objeto de estudos. Utiliza-se da metodologia da pesquisa bibliográfica e de fontes abertas, em geral, e da observação participativa, em particular, para acessar as informações regionais do Alto Vale do Jequitinhonha, especificamente o Alto Vale do Araçuaí. Portanto, com este trabalho, pretende-se, antes de tudo, provocar o interesse e a curiosidade sobre um tema pouco pesquisado no Brasil e incentivar aprofundamentos e pesquisas futuras.

Palavras-chave: Pedra do Raio; Mito; Vale do Jequitinhonha.

Thunder Stone: A universal myth in the Alto Vale do Jequitinhonha

Abstract: This work addresses the presence of the universal myth of the stone of lightning and its peculiarities in the Alto Vale do Jequitinhonha, in the municipality of Felício dos Santos, Minas Gerais. In archaeological terms, lightning stones are called lithic tools or ax blades that have been polished or not, having been produced by past Amerindian groups. From the understanding of the myths related to lightning in different cultures, the present work also presents different regions of Europe where the occurrence of the legends related to this myth has been the object of studies. It uses the methodology of bibliographic research and open sources, in general, and participatory observation, in particular, to access regional information from Alto Vale do Jequitinhonha, specifically Alto Vale do Araçuaí. Therefore, this work is intended, above all, to provoke interest and curiosity on a very little researched topic in Brazil and to encourage deeper and further research.

Keywords: Thunder Stone; Myth; Vale do Jequitinhonha.



Os raios nas mitologias

Longe de ser exaustivo na tematização a que se propõe, este trabalho pretende lançar luzes sobre o mito das pedras dos raios no Brasil e em diferentes partes do mundo, propondo-se a despertar o interesse e a curiosidade científica, de modo a incentivar a pesquisa e a produção acadêmica sobre o tema.

Desde tempos imemoriais, os seres humanos se encantam e temem os raios, trovões e relâmpagos, dentre tantos fenômenos da natureza. A mitologia, que teve desde sempre a função de elucidar fenômenos sociais e naturais – dando valor e significado à existência humana e servindo de modelo exemplar de comportamentos – dedicou-se a esse tema nas diferentes sociedades humanas¹.

Incontáveis são as entidades relacionadas aos raios nas distintas sociedades e épocas. Cândido e Nunes, ao abordarem a relação entre mitologia e climatologia nas ocorrências de tempos severos, apontam as seguintes divindades relacionadas aos raios, discriminando-as por culturas: na cultura chinesa, a deusa Tien Um era responsável pelos raios; na cultura dinka, do Sudão, o deus dos céus Deng tinha a seu cargo as tempestades, raios e trovões; para os eslavos, o deus Perun era relacionado a raios e trovões; para os etruscos (povos pré-românicos que habitaram a Península itálica a partir do século IX a. C.), o deus Summamus (para o qual fora erigido um santuário em Roma) era responsável pelas tempestades, pelos raios e trovões; na cultura ewe (que habita o sul do Gana, Togo e Benim), Xewioso é o deus dos trovões, dos raios e das tempestades; para os finlandeses, Ukko era encarregado dos raios e trovões, assim como na cultura germânica o Zibelthiurdos tinha a mesma função. Os gregos atribuíam a Zeus a função e a habilidade de controlar as intempéries, sendo o raio o seu símbolo mais característico; na cultura inca, esse encargo era do deus dos raios Apocatequil e do deus do tempo Ilyapa; na cultura letã, Perkons, deus dos trovões, enviava os raios; para os maias, Chac – deus da chuva – era a entidade encarregada dos raios; na Mesopotâmia, essa função era do deus Ishkur; na cultura navaho, povo indígena da América do Norte, era Klehanoai – deus da lua – quem enviava os raios; para os povos nórdicos, Thor, deus da guerra, do céu e das tempestades, tinha os raios como um dos seus encargos; na cultura romana, tocava a Júpiter a incumbência dos raios; para os Songhai, da África ocidental, Dongo tinha os raios entre as suas missões; entre os povos tupi-guarani, do Brasil, não sendo exatamente um deus, senão uma manifestação em forma de trovão, Tupã é a entidade ligada aos raios; nas comunidades taoístas, Inazuma e Karai-Shin são conhecidos como deuses dos raios, sendo que Raijin e Ryujin, deuses do tempo, estão também a eles relacionados; para os povos Yorubá, habitantes de diversos países africanos subsaarianos, Shango, deus da tempestade, se encarrega dos raios².

Destacamos uma abordagem essencial nesta tematização, por ser um marco na história social da cultura. É válido, neste contexto, abordar o trabalho escrito por



Aby Warburg, historiador da arte alemão, intitulado *O Ritual da Serpente* (no original: *Schlangenritual ein Reisebericht*) sobre os índios americanos e sua relação com os raios³. Warburg (1866 - 1929) foi provavelmente o estudioso que mais influenciou a visão da história da arte no século XX, criador da disciplina Iconologia. Sendo acometido por sofrimento mental e passando por longos períodos de internação hospitalar, realizou uma conferência, em 1923, como demonstração de recuperação da sanidade mental, obsecrando, com isso, sua alta da clínica. O tema da conferência foi um comentário sobre a viagem que fizera, em 1896, às aldeias indígenas dos povos Pueblos no Novo México, onde testemunhou o ritual da serpente. Na dança tribal, com a serpente viva, esta é uma divindade meteorológica. Assim, a serpente, pela sua forma, faz recordar um raio e de modo causal, mágico, é relacionada ao relâmpago. O ícone do raio nos desenhos dos povos Pueblos é representado pelas espirais das cobras. Particularmente, Warburg percebe que os Pueblos consideram o raio de maneira ambivalente, ou seja, é poderoso e aterrorizante, mas pode ser providencial na luta pela sobrevivência, pois traz água em lugares onde a seca ameaça a própria vida. O autor mostra que a serpente é uma figura múltipla nas tradições: é o que mata e, ao mesmo tempo, o que salva. Tendo como questão a possibilidade de observar os traços essenciais da humanidade nas culturas pagãs primitivas, como traços cruciais para a historiografia da cultura como um todo (fazendo assim associações com representações da antiguidade), Warburg vê na vivência do mito dos Pueblos a possibilidade de influenciar o meio no qual vive a comunidade, através dos seus rituais e de suas danças mascaradas. Ali, o raio, em sua relação com a serpente, simboliza a contradição própria do ser humano, oscilante entre o bem e o mal.

Pela sua presença maciça no Ocidente e não só, é imprescindível mencionar a cultura judaico-cristã que também se utiliza da simbologia do raio em diferentes passagens dos seus livros sagrados. No Antigo Testamento, são inúmeras as passagens a ela relacionadas. Podemos destacar as seguintes passagens do Êxodo, nas Sagradas Escrituras:

E Moisés estendeu a sua vara para o céu, e o Senhor deu trovões e saraiva, e fogo corria pela terra; e o Senhor fez chover saraiva sobre a terra do Egito... Então lhe disse Moisés: Em saindo da cidade estenderei minhas mãos ao Senhor; os trovões cessarão, e não haverá mais saraiva; para que saibas que a terra é do Senhor... Saiu, pois, Moisés da presença do Faraó, da cidade, e estendeu as suas mãos ao Senhor; e cessaram os trovões e a saraiva, e a chuva não caiu mais sobre a terra⁴.

Da mesma forma, inumeráveis são os versículos mencionando os raios nos Livros dos Profetas, nos Salmos, no Apocalipse e nos Evangelhos. Como exemplo, nos Salmos de número 18 lê-se:

Ao resplendor da sua presença as nuvens se espalharam, e a saraiva e as brasas de fogo e o Senhor trovejou nos céus, o Altíssimo levantou a sua voz; e houve saraiva e brasas de fogo. Mandou as suas setas, e as espalhou; multiplicou raios, e os desbaratou⁵.



Os livros proféticos do Antigo Testamento também apresentam algumas passagens, das quais podemos mencionar como exemplo a seguinte citação do Livro de Ezequiel:

E, quanto à semelhança dos seres vivos, o seu aspecto era como ardentes brasas de fogo, com uma aparência de lâmpadas; o fogo subia e descia por entre os seres vivos, e o fogo resplandecia, e do fogo saíam relâmpagos; e os seres vivos corriam, e voltavam, à semelhança de um clarão de relâmpago⁶.

No Evangelho de Lucas, pode-se ler a seguinte passagem, na qual a queda de Satanás é comparada à queda de um raio:

Quem vos ouve a vós, a mim me ouve; e quem vos rejeita a vós, a mim me rejeita; e quem a mim me rejeita, rejeita aquele que me enviou. E voltaram os setenta com alegria, dizendo: Senhor, pelo teu nome, até os demônios se nos sujeitam. E disse-lhes: Eu via Satanás, como raio, cair do céu⁷.

Da mesma forma, em algumas passagens do Apocalipse, os relâmpagos e trovões apresentam-se. A título de exemplo, o fenômeno é citado no versículo: “E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca da sua aliança foi vista no seu templo; e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos e grande saraiva”⁸.

Muito comparecente e divulgada mundialmente é também a mitologia greco-romana. Entretanto, essa mitologia é devedora de um povo pré-românico: os etruscos. Extremamente curiosos com relação aos raios e sua relação com as divindades, esse povo abordou o uso que as divindades fazem dos raios em livros sagrados especiais. O princípio básico da sua doutrina é que alguns deuses (nove deles) possuíam o Manubiae, ou seja, o poder de lançar raios. Estes foram classificados em diversos tipos de acordo com a divindade que o havia enviado⁹. Os romanos foram herdeiros dos etruscos, especialmente no que diz respeito ao fato de ver os raios como um prodígio e uma mensagem dos deuses para os homens. Os autores romanos antigos que trataram o assunto, a exemplo de Plínio¹⁰, não enumeravam todos os deuses com a possibilidade de lançar raios, mas à sua lista, adicionavam *et ali*. Assim, não se tem informação da totalidade dos deuses com esse poder. No entanto, uma das divindades se destaca: Tinia para os etruscos, Giove ou Júpiter para os romanos e Zeus para os gregos¹¹. Estamos diante de uma exaltada personalização do raio. Cronos, deus grego que representava o tempo, tendo castrado o pai com o apoio de sua mãe, tornou-se a primeira grande divindade, uma espécie de rei dos deuses. Temendo ser destronado por um dos seus filhos, os engolia assim que nasciam. Zeus escapou desse destino, porque sua mãe deu a Cronos uma pedra, engolida em seu lugar. Sendo criado em segredo pelas ninfas, derrotou o seu pai e os titãs numa luta que durou dez anos. Zeus fez com que o pai vomitasse os seus irmãos. Libertou também os irmãos de Cronos, filhos dos céus, que tinham sido por ele acorrentados. Estes, em reconhecimento a tal benefício, deram-lhe de presente o trovão, o raio incandescente e o relâmpago, que estavam até então escondidos pela Terra¹².



Os povos antigos, a partir do temor em relação aos trovões e aos relâmpagos, tentavam se defender honrando as divindades responsáveis por eles. Quando um raio caía, deixava sempre um traço: uma árvore derrubada, uma coluna quebrada ou caída, um homem ou um animal morto. Há uma longa tradição grega sobre uma espécie de santificação de quem era atingido por um raio. É uma tradição eminentemente positiva que, entretanto, não impedia que às vezes a morte por eletrocussão fosse vista como uma punição por um delito grave. Na cultura grega antiga, do local atingido por um raio, deveria ser inevitavelmente retirado o uso profano, tornando-se assim um lugar sagrado. Dessa forma, uma vez que pertencia exclusivamente à divindade, esse lugar não poderia ser olhado, nem pisoteado. Os objetos, pessoas ou animais atingidos pelos raios deveriam ser enterrados¹³.

Esse rápido panorama, longe de esgotar a pluralidade das divindades e entidades ligadas ao raio, dá, entretanto, uma noção da sua presença maciça na diversidade cultural do planeta, em tempos e espaços distintos. Portanto, pode-se dizer que é um fenômeno universal e em longa duração.

O mito da pedra do raio na Europa

Francesco Stabili di Simeone, mais conhecido como Cecco d'Ascoli (Ancarano, 1269 - Florença, 16 de setembro de 1327) foi um poeta, médico, professor, filósofo, mas também astrólogo e astrônomo que, devido ao seu pensamento heterodoxo em questões religiosas, foi condenado à fogueira pela Inquisição Romana. Os inquisidores afirmaram que além de médico e astrólogo, ele era um mago ocultista. As suas atitudes bizarras haviam criado e confirmado a sua fama de mago. Foi queimado na fogueira na Porta *Santa Croce all'Arno*, em Florença, em 16 de setembro de 1327. A sua obra mais notável é *l'Acerba*, em cinco livros, tendo permanecido incompleta em função de sua morte prematura. É considerada complexa e obscura sob vários aspectos. No entanto, testemunha o interesse de Cecco d'Ascoli pela estrutura do universo: o Homem posto ao centro, sob ele a terra e os elementos, sobre ele as estrelas e os planetas. Reconhece virtudes ocultas na natureza, que criam uma correspondência entre os eventos terrenos e celestes¹⁴. Nessa obra, no livro III, o autor aborda as propriedades particulares das chamadas pedras do raio:

A pedra de raio nasce do grande trovão / Quem castamente a
traz consigo / Nunca poderá morrer daquele estalido. / Seja em
uma casa, castelo ou estância / O raio não pode cair / porque se
apaga / Por sua virtude, de acordo com a sibila¹⁵.

Trata-se aqui da proteção que a pedra do raio traz a quem a porta castamente, porque assim estaria protegido de ser atingido por um relâmpago. Apesar da importância de Cecco d'Ascoli para este tema e da sua especial relação com o mito da sibila, deve-se lembrar que uma das citações literárias mais antigas que se conhece sobre a pedra do raio na Europa é a de Plínio, o Velho, muito anterior àquela de



Ascoli. No século I, em sua *História Natural*, ele aborda os ceraunios como pedras especiais, relacionando-as com poderes mágicos:

Sotaco também distinguiu duas variedades de ceraunio, uma preta e uma vermelha, semelhantes a machados; as pretas e redondas teriam poderes sobrenaturais, e com elas cidades e frotas teriam sido conquistadas; o nome dessas longas ceraunias seria baetulos, Outra variedade bastante rara também seria distinguida, procuradas apaixonadamente pelos Magos, porque elas não seriam encontradas a não ser em alguns lugares atingidos por um raio¹⁶.

Ainda em nossos dias, na Itália, durante o cultivo dos campos, são às vezes encontradas pedras de sílex cuneiformes – embora atualmente sejam consideradas como uma curiosidade arqueológica – que os camponeses mantinham em casa como um talismã ou amuleto. Acreditava-se que eram de origem celestial e intimamente ligadas aos raios. Como se pode compreender a partir da obra de Plínio, ainda na Roma Antiga, as pedras cuneiformes encontradas nos campos eram chamadas de *cerauniae* (ceraunio ou ceraunias), do grego *kerounos* – relâmpago. De acordo com as crenças romanas, elas eram o efeito de raios lançados pelo deus Júpiter na terra¹⁷.

Christopher A. Faraone¹⁸ apresenta interessantes exemplos de pedras do raio moldadas e polidas no período neolítico, que receberam inscrições gregas e egípcias em tempos imperiais romanos. Em seu texto, são abordadas dez dessas machadinhas pré-históricas que trazem inscrições gregas e às vezes egípcias e imagens que corroboram seu uso como amuletos durante o Império Romano. Segundo esse autor, a grande maioria dessas pedras com inscrições e desenhos usadas como amuletos corporais e de casa, provêm da metade oriental do Mediterrâneo. Aqui também se afirma que muitas machadinhas não inscritas foram claramente reutilizadas como amuletos na Itália, França, Grã-Bretanha e em outros lugares. Essas crenças se mantiveram na Idade Média e a mencionada obra de Cecco d'Ascoli comprova sua presença na Itália central.

Já no século XVIII, os camponeses de Majella, região italiana montanhosa de Abruzzo, desconhecendo a origem dessas pedras, tinham as mesmas crenças e consideravam as pontas de flecha e os machados polidos do neolítico como os fragmentos petrificados de relâmpagos que atingiram o chão, chamando-os de Pedra Relâmpago. As descobertas das pedras eram ali acompanhadas de ritos mágicos. Somente aqueles que tinham a predisposição a se tornar um mago poderiam encontrá-las e quando alguém os encontrava era o sinal de um chamado. Se a pessoa não se sentia chamada a se tornar um mago, então deveria deixá-la em altares de determinadas igrejas, recitando uma oração particular¹⁹. Em muitas áreas de Piemonte, estranhas pedras lisas com um lado pontiagudo e outro plano, foram encontradas ao longo do tempo e ainda hoje em dialeto são chamados de *Preie del Tron*, ou seja, pedras do trovão²⁰. Em Valnerina (Umbria) a ideia que associa o relâmpago a um projétil caído do céu persiste, mas essa tradição não está associada a artefatos artificiais senão a minerais de forma arredondada ou ovóides, ou mais raramente meteoritos que são chamados de pedras *de lu furminu*. Os projéteis eram



usados em colares como amuletos de proteção contra raios. Mesmo em Friuli, uma região alpina, tradições semelhantes às da Umbria ainda eram mantidas na década de 1970, como em Val Resia onde era muito comum manter a pedra do raio (*ta uotla pech*) de origem meteórica acima da soleira da casa. Segundo os moradores da região, essa pedra servia para proteger a casa de raios, mas muitas pessoas preferiram mantê-la consigo, pois se sentiam mais seguras²¹. Também na Sardenha, uma ilha do Mediterrâneo, essas pedras eram chamadas de pedra *de lu trono, ascia de tronu* ou pedra *de rasu* e tinham as mesmas propriedades mágicas²².

Não só na Itália existe a crença de que pedras ou machadinhas caem do céu com os raios e possuem poderes mágicos de proteção, mas a lenda é compartilhada por diferentes culturas no mundo, sendo profundamente enraizada. No caso de Cecco d'Ascoli, o relato vem legitimado pela fala da sibila, profetisa pagã que foi incorporada pelo cristianismo desde os seus primórdios, sendo também um mito de longa duração em diferentes culturas²³. Essa crença é ainda encontrada nas culturas Hindu, Hitita, Grega, Romana, Germânica, Maia, Cherokee, Ojibway, Igbo²⁴. A lista é longa e continua sendo presente nos seguintes países: Birmânia, China, Japão, Morávia, Holanda, Bélgica, França, Itália, Sumatra, Sibéria, Escócia, Estônia, Espanha, Portugal, Brasil, dentre outros, abarcando a Ásia, América, Europa e África, não sendo registrada somente na Oceania²⁵.

De acordo com a lenda em geral (que sofre pequenas variações ao longo do tempo e nos diferentes países ou regiões) cada vez que um raio cai, uma pedra tomba do céu, sendo o relâmpago causado pela queda da pedra, e o fogo e o trovão vistos como suas consequências. Assim também o nome da pedra se diferencia nos distintos países, podendo ser chamadas de 'pedra do trovão', 'pedra da tempestade', 'setas do céu', 'machados do trovão', 'pedras de relâmpago', 'machados do céu', 'pedras de Thor', 'machadinhas de corisco', dentre outros nomes²⁶.

Uma importante obra sobre o assunto, *Tordenåbenet i kultus og folketro. En komparativ-archaologisk undersøgelse* (cuja tradução literal seria 'A Arma do Trovão no Culto e no Folclore – Um estudo arqueológico comparativo'), foi escrita por Chr. Blinkenberg²⁷, um arqueólogo dinamarquês. O livro tem como objetivo estudar a relação entre as pedras do raio e as pessoas em diferentes épocas e culturas da história. Ele se concentra principalmente em três contextos: o período micênico (com machados duplos em bronze), o chamado período histórico (com os *ceraunos* clássicos, a arma de Zeus) e a atualidade (com machados de pedra). O autor então apresenta a definição dinamarquesa de raio.

Supostamente, aquele povo acreditava que as pedras dos raios caíam do céu durante um trovão, ou mais precisamente, toda vez que ocorria um relâmpago. De acordo com essa percepção, a queda do raio é definida pela queda da rocha; o fogo e o som seguem depois (fenômenos secundários). Guardadas nas casas, as pedras as protegeriam de serem atingidas, porque o raio nunca atingiria o mesmo lugar duas



vezes. Eram geralmente mantidas em uma prateleira ou em uma caixa. Ocasionalmente, poderia ser escondida em um lugar especial, embutida na parede, cavada no chão, colocada sobre a cama ou sob o telhado.

Na Dinamarca, costumava ser guardada debaixo da cama, porque ninguém tinha permissão para tocá-la. A pedra do trovão também era uma guardiã contra *trolls* – monstros do folclore dinamarquês – e outras feras. Como a maior parte dos males no mundo rural era causada por essas figuras mitológicas, as pedras eram muito importantes na medida em que protegiam as casas e seus habitantes. Protegiam ainda as crianças recém-nascidas de serem trocadas e os cavalos de terem pesadelos. Eram também usadas durante a ordenha de vacas: quando colocadas nas prateleiras ao lado do leite engarrafado, tinham o poder de mantê-lo fresco e melhorar a qualidade do creme e da manteiga.

Segundo Blinkenberg (1909) *apud* Dyreverket²⁸, diferentes tipos de artefatos foram percebidos como pedras do trovão em diversas áreas da Dinamarca. De acordo com as distintas áreas estudadas, elas poderiam ser o que hoje conhecemos como machados, facas ou foices da Idade da Pedra, e ainda ouriços petrificados. O autor identificou especificidades também na Noruega: ali as pessoas geralmente consideravam pedras redondas e lisas como pedras dos raios, mas nas partes do sul do País, ferramentas da Idade da Pedra eram assim reconhecidas. Na Noruega, o autor menciona relatos de rituais antigos, ligados ao deus Thor, nos quais as pedras do raio eram adoradas como entidades²⁹.

Da mesma maneira, a lenda criada e mantida no âmbito rural afirmava, no mundo ibérico, que o relâmpago afundaria sete estados quando atingisse o solo e que após sete anos emergiria da superfície transformada em pedra. O fazendeiro ou pastor que afortunadamente encontrasse os machados de pedra dos raios nos campos os guardavam e os transmitiam zelosamente. Isso se dava uma vez que, segundo a crença, a pedra protegeria dos raios aqueles que a possuísem, mantendo as tempestades afastadas³⁰.

Na Espanha, o tema tem sido tratado por inúmeros autores, e a crença remonta ao período pré-românico. Indo ao encontro das fontes antigas também ali eram chamadas de *cerauniae*, ou machados polidos, sendo, em linhas gerais, identificadas na tradição latina como a ponta dos raios que entram na terra, ainda que, como afirmado anteriormente, o nome *cerauniae* venha do grego e signifique trovão. Sua origem remeteria a tempos anteriores à própria fundação de Roma. Dessa forma, uma ligação direta pode ser estabelecida entre a tradição popular da pedra do raio e as *cerauniae* das fontes clássicas. Essa crença, que, como afirmamos, teve fortes raízes e uma grande expansão em toda a Europa (também fora dela), associa as ferramentas aos relâmpagos e explica seu valor como um amuleto de proteção contra eles, e entre outros usos, também como protetoras do lar. Segundo esses autores, é evidente que a tradição popular associada às pedras de relâmpago tem sua origem em um mundo



cultural com raízes pré-históricas. Essas raízes se situam entre o momento em que esse tipo de objeto perdeu seu valor e validade funcional (como machados, ferramentas de pedra) e aquele em que já eram considerados de origem celestial e como elementos de proteção contra os raios³¹.

De forma bastante semelhante ao que foi abordado até então, em Portugal, a pedra do raio teve fortuna como lenda popular. De acordo com a publicação *Tradições Populares de Portugal Colligidas e Anotadas*³², o raio, dependendo da região portuguesa, é uma pedra ou uma cunha de ferro, que, ao cair, afunda por sete braças. A cada ano, a pedra sobe uma braça, levando sete anos para chegar à superfície. Segundo essa tradição, ao cair, a pedra (que é mais popular que a cunha de ferro) pula muitas vezes, deixando sinais na terra. Ela é posta dentro de casa ou ainda nos telhados, para garantir a proteção contra os raios. Segundo a mesma crença, quando troveja, ela se move perceptivelmente onde está guardada.

Não só os instrumentos de pedra pré-históricos como as machadinhas de pedra polida, mas também os cristais de rochas encontrados nas raízes de árvores eram chamados de pedras do raio. Há pedras arredondadas, e aquelas menores eram chamadas pedras-de-corisco, formadas pela ação do frio e do calor. A trovoada é popularmente explicada em Portugal como a combinação do frio e do calor. O autor desse livro cita o verso popular relacionado à tradição da pedra do raio: “Entre o calor e o frio se gera a pedra do raio: quem me dera a fortaleza que tem o trovão em maio”³³. Igualmente os aerólitos podiam ser identificados com as pedras do raio, conforme informava em 1839, *O Panorama Jornal Literário e Instrutivo*:

Estamos persuadidos que certas pedras que alguns rusticos do nosso paiz chamam *pedras de raio* e guardam supersticiosamente como preservativo contra os maus resultados das trovoadas, dizendo que cahem com os raios, ou são umas pedras negras e luzidias pouco communs, que pela sua fôrma e côr prendem a atenção do vulgo, ou são verdadeiros aerolithes³⁴.

Ainda que sejam raros os estudos sobre o tema no Brasil, a crença popular da pedra do raio, ou a ainda a crença de que o raio seja uma machadinha, é bastante difusa em várias regiões do país. Sobre isso nos deteremos a seguir.

A pedra do raio no Brasil

Os raros trabalhos que mencionam a pedra do raio no Brasil, a abordam de duas maneiras. No portal do GMGA – Grupo de Pesquisa Geologia e Geoquímica Aplicada, de diretório do CNPq, criado em 1982, congregando pesquisadores da Amazônia e de outras regiões do Brasil e do exterior sobre técnicas mineralógicas e geoquímicas aplicadas – há um artigo intitulado “Tempestades, raios e fulguritos”. Ali, os autores associam a pedra do raio ou do corisco a uma pedra efetivamente produzida pelo derretimento das áreas do solo que são atingidas por um raio:

A corrente elétrica aquece subitamente esses materiais fundindo-os que ao se resfriarem rapidamente adquirem a forma de vidros de contorno irregular, mas em geral alongados, conhecidos por



fulguritos (do latim *fulgur* – raio). Os fulguritos em geral são amorfos, mas podem conter cristobalita e/ou tridimita³⁵.

Os autores mencionam ainda que o maior fulgurito encontrado no planeta, mede 4,8 metros e foi encontrado pelos grupos de pesquisadores liderados pelos professores Martin A. Uman e Vladimir A. Rakov do Department of Electrical and Computer Engineering da University of Florida.

Esse tipo de pedra do raio abordado por Kimmengs e Nascimento tem nas dunas de São José do Norte, litoral sul do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Barreirinhas no Maranhão, os locais de maior incidência no Brasil. Os autores aludem superficialmente a uma possível origem “mística” desse tipo de pedra.

Entretanto, o *site* da *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciência*, traz um artigo de Medeiros e Medeiros³⁶ no qual os autores abordam o imaginário popular de uma comunidade rural do Estado de Pernambuco acerca do raio. Na sua pesquisa, aparece a relação popular entre os raios e o fogo, mas também entre os raios e uma pedra, e é esta a segunda maneira de abordar a pedra do raio:

Os sujeitos S17, S20 e S21 deram descrições semelhantes da tal pedra do raio: "o corisco é uma pedrinha, assim, pequena" (S17); "a pedra do raio caiu no areal e era que nem um disco de louça" (S20); "a pedra do raio é como um vidro esbranquiçado" (S21) (...). O sujeito S13 dá a explicação: "uns dizem que o raio é uma bola de fogo; outros dizem que é um pedaço de ferro ou uma pedra branca feito um disco". Seu relato deixa claro que as duas crenças habitam o imaginário popular. O fogo e a pedra parecem, realmente, imbricados nas imagens que guiam o pensamento daqueles sujeitos a respeito dos raios. Eles chegam a testemunhar essa simbiose e a posse de suas peças de evidência: "o raio vem como uma pedra de fogo. Eu tinha uma pedrinha do raio que o meu pai achou no Rio Grande do Norte, mas aí eu perdi" (S8); "o corisco tem uma pedra de fogo. Ela laxa (sic) o pau e fica no chão depois" (S17)³⁷.

Tendo como base a mitanálise ou psicanálise do imaginário, os autores concluem que no imaginário popular estudado há elementos míticos mesclados com informações científicas atuais, com relação ao raio. Nesse trabalho, a pedra do raio está mais próxima dos mitos até então apresentados, nos quais ela é um produto mágico.

No *site* do INPE – Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais –, há um breve artigo assinado pelo ELAT – Grupo de Eletricidade Atmosférica – no qual se assegura que a crença popular da pedra do raio, também conhecida no nordeste brasileiro como pedra-de-corisco, faz desse objeto um talismã de proteção pessoal e de residências, assim como nos povos europeus, asiáticos e americanos. Sem, entretanto, dar as fontes ou mesmo referenciar os autores, a publicação afirma que o mito no Brasil é semelhante àquele português, certamente trazido pelos colonizadores no século XVI. A pedra seria originada pelos raios, que com a força da sua queda seria enterrada. Assim, utensílios achados enterrados como armas e artefatos de pedra polida das comunidades pré-históricas, seriam assimilados como pedras do raio e se transformariam em amuleto, afirmando-se que, a partir da crença popular de que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar, trariam proteção (ELAT)³⁸.



Há ainda dois vídeos disponíveis na plataforma *youtube*, tratando do tema da pedra do raio. No vídeo de 2019, do canal do Professor Idolindo, intitulado *Pedra Raio! Mito desvendado*, o autor apresenta diversas pedras polidas do período neolítico com a função de machado, sobre as quais se acreditava que fossem caídas com a descarga elétrica. O professor afirma que os artefatos são geralmente encontrados por agricultores nas suas lavouras. Entretanto, diferentemente da função de amuletos, ainda segundo o autor, as pedras eram jogadas fora por se acreditar que atraíam o raio. Com 54.492 visualizações até o dia 10 de março de 2021, o *post* traz inúmeros comentários de pessoas de todo o país que afirmam conhecer o mito, ou ainda pessoas que possuem as machadinhas neolíticas³⁹.

O segundo vídeo, de 2018, intitulado *O que é Pedra do Raio*, no canal de Cris Amarante – Arqueologia Alternativa, traz a mesma lenda, segundo a qual a pedra cai do raio e afunda na terra por sete metros ou sete palmos. A autora afirma que, muito presente em todo o Brasil, a lenda da pedra assume dois distintos significados: dependendo da região do Brasil, ela significa sorte e proteção contra o raio; ou azar, sendo portadora de infortúnios. Ela afirma ainda que as pedras do raio são machados de pedra polida. A arqueóloga explica, então, a forma pela qual as pedras eram polidas pelas populações neolíticas: com areia e água, formando uma lixa que com esforços repetitivos, davam forma ao objeto. Os arqueólogos identificam essas machadinhas pelo seu gume, que não se encontram na natureza, sendo indubitavelmente produzidos por ação humana. As machadinhas em sua grande maioria são encontradas sem o cabo, uma vez que a madeira não resistiria à ação do tempo em milhares de anos. O vídeo teve até 10 de março de 2021, 24.200 visualizações e gerou muitos comentários de pessoas que dizem ter ciência do mito e conhecer as machadinhas⁴⁰.

Sobre isso, Bueno⁴¹ afirma que, embora as lâminas de machado tenham sido consideradas como rudimentares, as pouco ou parcialmente polidas, associadas ao período Holoceno Inicial, são extremamente raras no Brasil, sendo uma das evidências mais antigas do polimento na América.

As pedras do raio em Felício dos Santos, Alto Vale do Jequitinhonha - semelhanças e diferenças em relação às lendas europeias

No Alto Vale do Jequitinhonha, especificamente no município de Felício dos Santos, Minas Gerais, foram identificadas machadinhas neolíticas e a presença da lenda da pedra do raio.

Por meio da metodologia da observação participante, em contato com a população daquela cidade, pôde-se identificar que a lenda da pedra do raio, ali chamada machadinha de corisco, é muito semelhante àquela portuguesa⁴². As pessoas com as quais entramos em contato acreditam que as machadinhas de pedras caem



com os raios, crendo ainda no seu poder mágico. Também chamadas pedras-decorisco, as machadinhas neolíticas foram em sua maioria encontradas por agricultores nas suas atividades diárias e posteriormente em escavações pelo Laboratório de Arqueologia e Estudo da Paisagem da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - LAEP/UFVJM, *Campus* Diamantina.

Entretanto, o que marca a especificidade regional é o fato de que a mesma pedra pode concomitantemente conter a conotação positiva e a conotação negativa como amuleto. Para serem preservadas nas casas como objeto mágico de proteção, as machadinhas devem ser propositadamente lascadas, tirando assim a sua integridade.

O Alto Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, embora tenha sido uma área só recentemente explorada pela Arqueologia, tem possibilitado o registro de uma grande quantidade de sítios rupestres. Em termos arqueológicos, as características locais permitem presumir que há ainda muito a ser descoberto sobre os vestígios da presença humana na paisagem regional, o que também abre espaço para novas pesquisas⁴³. Entretanto, no que toca ao tema deste trabalho, existem já ganhos consideráveis.

Para a região de Felício dos Santos, tem-se identificado até o momento “um conjunto de 67 sítios arqueológicos com repertório cultural significativo para a compreensão dos modos de vida e cultura dos primeiros habitantes daquele lugar”⁴⁴. Os abrigos estão implantados em rochas quartzíticas com presença de pinturas rupestres predominantemente associadas à Tradição Planalto⁴⁵. Importante frisar que até então nenhum sítio a céu aberto foi localizado, embora haja alguns relatos dos moradores sobre as pedras de raio encontradas fortuitamente em roças, próximas aos rios e córregos, em árvores e coqueiros caídos.

Fagundes *et al.*⁴⁶ relatou que recentemente uma pedra de raio ou lâmina de machado polida e doze fragmentos de cerâmica foram identificados em estratigrafia na escavação do Sítio Arqueológico Cabeças 4, com datação aproximada de 4.725 anos. Esses vestígios arqueológicos evidenciam a presença de grupos humanos pretéritos, possivelmente caçadores-coletores, na região de Felício dos Santos durante o Holoceno Médio⁴⁷.

A equipe do LAEP/UFVJM há tempos desenvolve estudos interdisciplinares relacionados à arqueologia na região denominada Área Arqueológica de Serra Negra⁴⁸ (situada na borda leste da Serra do Espinhaço Meridional), que inclui o município de Felício dos Santos. Nesse lugar, os pesquisadores evidenciaram vestígios de ocupações humanas holocênicas datadas de sete mil anos antes do presente (cinco mil anos a. C.). Durante as escavações no Sítio Cabeças 04, a equipe encontrou uma pedra de raio que, em termos arqueológicos, denomina-se lâmina de machado polida [Fig.1].



Esse artefato é geologicamente formado pelo granito, sendo possivelmente um fragmento do Batólito Itanguá comum na região. Foram possivelmente levados por um dos grupos ameríndios que ocuparam aquele abrigo rupestre.

Um membro de Fazenda Nova (comunidade de Felício dos Santos, MG), ao ser indagado sobre quais os elementos dentro do contexto dos sítios rupestres o auxiliaram e à sua comunidade na construção de sua identidade, relatou:

[...] as pinturas, que embora nos identifiquem com os antepassados distantes, são pouco valorizadas ainda pela sociedade contemporânea. Também posso pontuar o conhecimento popular acerca das sociedades antepassadas, que se faz notar através dos sítios arqueológicos: é forte a crença de que o machado de pedra (artefato pré-histórico) encontrado no ambiente seja produto do raio em momento de tempestade (machadinho de corisco). E ainda tem-se encontrado em algumas cavernas cachimbos de cerâmica com característica do homem pré-histórico⁴⁹.

O sentimento de identidade cultural fica evidente quando alguns moradores de Felício dos Santos resgatam, por meio das memórias lembradas e contadas, a origem das pinturas rupestres, dos artefatos do passado e de seus ancestrais. No vagar das recordações e das experiências vividas, alguns informantes tecem relatos sobre suas

[Fig.1] Interior do Sítio Arqueológico Cabeças 04, escavado pela equipe do LAEP. 2020. Fotografia dos autores.



raízes identitárias e, especialmente, sobre sua posição perante os laços que os unem aos vestígios e sítios arqueológicos: “a maioria do pessoal da cidade não se importa com os sítios, assim como Diamantina... Que tem muita coisa... Mas o pessoal não liga... Eles chamam a ferramenta de pedra de ‘pedra de curisco’ e jogava para longe da casa, com medo de atrair curisco [...]”⁵⁰.

Macedo⁵¹, ao entrevistar alguns moradores de Felício dos Santos, constatou a existência de fortes relações afetivas com os vestígios arqueológicos regionais, especialmente com as “pedras de raio”. Exemplo disso é o relato do entrevistado que diz:

A gente andava muito por lá quando era pequeno... Era umas pedras muito bonitas... Antes de quebrar... Porque quebrou e destruiu aquelas pedras... Mas achava que aquilo era normal... Não tinha curiosidade de nada não... [...] Meu pai tinha um machado chamado de corisco, que era feito daquelas pedras... Que do outro lado não tem... nem do outro lado da Serra... Só ali naquela região que tem [...]”⁵².

As lâminas de machado polidas ou machadinhas de corisco, em Felício dos Santos, se tornaram elementos culturais repletos de mitos vinculados à magia do raio, como em tantos locais do mundo. Os relatos sobre esses artefatos são os mais diversos, mas possuem semelhanças dependendo da localidade onde foram encontrados. Nos pequenos povoados próximos ao rio Araçuaí, os moradores acreditam que é muito perigoso guardar as machadinhas de corisco porque o raio poderia buscá-las em até sete anos (o que remete à lenda portuguesa). Então, para que isso não ocorra, deve-se quebrar o encanto dessa pedra de corisco danificando seu corte [Fig.3].



[Fig. 3] Lâminas de machado polidas (granito - Batólito Itanguá). 2021. Comunidade Indaiá. Fotografia dos autores.

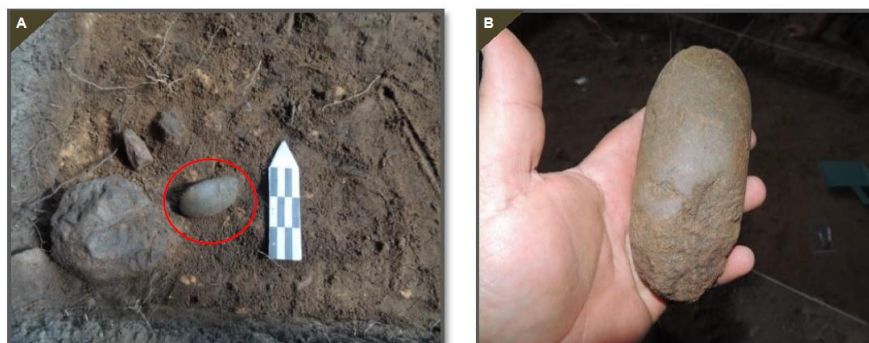


Na região oeste de Felício dos Santos às pedras de raio foram conferidos outros sentidos e significados que compõem a cosmovisão dos moradores locais. Para algumas pessoas dali essas machadinhas de coriscos funcionam à semelhança de um para-raios, pois sendo produto do próprio raio e devido à crença de que ele não cai duas vezes no mesmo lugar é recomendável tê-las em casa para se proteger. Talvez seja esse um dos motivos pelos quais as lâminas de machado mantinham-se muito conservadas, apresentando apenas algumas cicatrizes ou marcas de uso [Fig.4].



[Fig. 4] Pedras de raio (lâminas de machado polidas em quartzito) encontradas em Felício dos Santos, MG. 2021. Fotografia dos autores.

Por serem polidas e irregulares, essas lâminas de machado [Fig.2A, 3, 4 e 5] manquejam quando postas sobre uma superfície plana, sobre uma mesa, por exemplo. Alguns moradores de Felício dos Santos afirmam que as machadinhas de corisco balançam quando caem raios muito próximos, o que seria uma espécie de aviso para seu portador se cuidar. Esse movimento da pedra também remete ao mito europeu. O formato convexo desses artefatos arqueológicos pode ser notado nas pedras de raios encontradas na comunidade de José Rodrigues, no município de Felício dos Santos [Fig.5].



[Fig. 2] imagem A) Contexto onde foi encontrado o artefato arqueológico; imagem B) Lâmina de machado polida em granito. 2017. Fotografia de Lidiane Silva.

Outros artefatos arqueológicos utilizados pelos grupos humanos pretéritos não serviam apenas como armas ou ferramentas de corte, mas também como instrumentos para a feitura de outros materiais. Um exemplar é o percutor em granito que fora identificado na comunidade de Três Fronteiras, no mesmo município [Fig.6].

Embora presente bom estado de conservação, o percutor [Fig.6] demonstra marcas de uso e fraturas do corte, que provavelmente foram feitas para retirar o encanto ou a magia do raio. É uma demonstração de que as pedras de raio encontradas naquela região são ressignificadas pelos moradores que, pelas suas convicções, entendem que tais objetos devem ser desencantados para não causar perigo naquele lugar.



[Fig. 5] Lâminas de machado polidas (granito Batólito Itanguá). 2021. Fotografia dos autores.

[Fig. 6] Percutor em granito (Batólito Itanguá) danificado. 2021. Comunidade Três Fronteiras, Felício dos Santos, MG. Fotografia dos autores.



Considerações finais

O mito da pedra do raio tem, no Alto Jequitinhonha, elementos de sua universalidade, mas também particularidades herdadas possivelmente dos colonizadores portugueses, que se conjugam com os elementos regionais. As pedras do raio nessa região são sempre artefatos de populações pretéritas, usados com a função de machados. Acredita-se também, ali, que eles caem com os raios e que se afundam na terra, e sobem para a superfície com o passar dos anos.

Também na região estudada, como na maioria das culturas onde esse mito comparece, acredita-se nos poderes mágicos das machadinhas, sempre ligadas aos raios.

Dentre os elementos de heterogeneidade daquele mito na própria região, uma característica interessante se mantém: o mesmo artefato pode ter uma conotação positiva ou negativa dependendo de se manter ou não a sua integridade. A machadinha perfeita pode atrair os raios, uma vez que eles vêm buscar o que lhes pertence, depois de algum tempo. Prova disso seria a crença no fato de que as machadinhas se mexem quando caem raios nas suas proximidades. Assim têm uma conotação negativa e de perigo. Por outro lado, o mesmo artefato, se for lascado, isto é, se lhe for retirado um pequeno pedaço, passa a ser objeto de proteção, devendo ser mantido em casa para a segurança dos seus habitantes contra os raios, porque no estado degradado, tem o poder de afastá-los. Essa peculiaridade vai ao encontro das crenças dos povos *Pueblos*, estudados por Warburg, que compreendiam que o raio em si poderia concomitantemente ser negativo (um perigo de morte) e positivo (portando vida por meio da água). Assim como nos *Pueblos*, no mito do Vale do Jequitinhonha vida e morte se conjugam na mesma crença.

É digno de nota que as lendas ainda permanecem como verdade para os habitantes mais idosos e têm significado na sua identidade cultural. As pessoas da comunidade que possuem os artefatos encontrados orgulham-se deles. A riqueza desta temática ainda está por ser estudada de forma mais profunda e consistente, e esperamos com este trabalho ter contribuído para aguçar a curiosidade científica e incentivar a pesquisa.

Notas e bibliografia

¹ ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

² CÂNDIDO, Daniel Henrique; NUNES, Lucí Hidalgo. Mitologia e Climatologia: Um Estudo das Divindades Relacionadas à Ocorrência de Tempo Severo. **Revista Brasileira de Climatologia**. Ano 8 – Vol. 11, p. 42-55 – jul/dez 2012.

³ WARBURG, Aby. Imagens da região dos índios pueblos na América do Norte. In.: **Histórias de Fantasmas para Gente Grande – Aby Warburg Escritos, Esboços e Conferências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. P. 199-253.



- ⁴ BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008, ÊXODOS, 9:23; 9:29 e 9:33.
- ⁵ BÍBLIA, *op. cit.* (SALMOS, 18:12-14).
- ⁶ BÍBLIA, *op. cit.* (EZEQUIEL, 1:13-14).
- ⁷ BÍBLIA, *op. cit.* (LUCAS, 10:16-18).
- ⁸ BÍBLIA, *op. cit.* (APOCALIPSE, 11:19).
- ⁹ BRIQUEL, D. Chrétiens et Haruspices. La religion étrusque, dernier rempart du paganisme romain. **Revue de l'histoire des religions**, Paris, tome 219, n°1, p. 111-115, 2002. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/rhr_0035-1423_2002_num_219_1_980
acesso em: 10 out. 2021.
- ¹⁰ Caio Plínio Segundo, também conhecido como Plínio, o Velho, foi um naturalista romano que viveu no primeiro século depois de Cristo, cuja obra mais importante é História Natural. Há alguns tomos disponíveis em francês no seguinte endereço: <<https://archive.org/search.php?query=histoire%20Naturelle%20de%20pline>>
acesso em: 10 out. 2021.
- ¹¹ O autor Massimo Gusso, em seu texto *Il Prodigio del Fulmine nell'Antichità*, apresenta como apêndice um *Dizionario Fulgurale* com termos relacionados aos mitos do raio, em ordem alfabética. Disponível em: https://www.academia.edu/26197099/Il_prodigio_del_fulmine_nellantichit%C3%A0
acesso em: 10 out. 2021. Ver referências: GUSSO, Massimo. Il prodigio del fulmine nell'antichità. Conferenza del 14 marzo 2003, Biblioteca di Ceneda, Vittorio Veneto. Testo pubblicato nel (2005) **l Circolo Vittorioso di Ricerche Storiche**, Quaderno n 8, tomo 1, p. 41-62, 2005.
- ¹² HESÍODO. **Teogonia**. 497-504. Na edição portuguesa: HESÍODO. **Teogonia Trabalhos e Dias**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005, p. 57-58.
- ¹³ GUSSO, *op. cit.*, p. 41-62.
- ¹⁴ MARCONI, Americo. **La Sibilla**. Abruzzo: Marte Editrice, 2016.
- ¹⁵ Tradução dos autores (2021): *Ceraunio pur nasce dal gran tuono / Chi castamente questo seco porta / Mai non potrà morir di quel frastuono. / In quella casa, castello né villa / Non può cader perchè quando l'ammorta / Con sua virtù, secondo la sibila*. STABILI, Francesco (Cecco D'Ascoli). **L'Acerba**. Ascoli Piceno: Casa Editrice di Giuseppe Cesare, 1995, p. 318.
- ¹⁶ Tradução dos autores (2021): *Sotacns et alia duo genera fecit cerauniae, nigrae rubentisque [similes eas esse securibus]. ex his quae nigrae sint ac rotundae, sacras esse; urbes per illas expugnari et classes; baetulos vocari; quae vero longae sint, ceraunnias. faciunt et aliam raram admodum, Magorum studiis expetitam, quoniam non alibi inveniatur quam in loco fulmine icto*. Há uma versão francesa que está disponível em: <https://archive.org/details/HistoireNaturelleDePlineEditionParLittreTome2LesDerniers18LivresDe/page/n569/mode/2up?q=etoile>. PLINIO, *op. cit.*, p. 37, 51, 135.
acesso em: 10 out. 2021.
- ¹⁷ FRANCIS, Vian Francis; BLOCH, Raymond. Les prodiges dans l'antiquité classique (Grèce, Étrurie et Rome) (Coll. « Mythes et religions »), 1963. In: **Revue des Études Anciennes**. Tome 66, n°1-2, p. 235-236, 1964.
- ¹⁸ FARAONE, Christopher A. Inscribed Greek Thunderstones as House- and Body-Amulets in Roman Imperial Times. In **Kernos Revue internationale et pluridisciplinaire de religion grecque antique**. Vol. 27. p. 257-284, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/kernos/2283>.
acesso em: 10 out. 2021.
- ¹⁹ GANDOLFI, Adriana. **Amuleti. Ornamenti Magici D'abruzzo**. Pescara: Ed Tracce, 2003.
- ²⁰ GALLO L.; TROVATO L. **La pietra del fulmine. Asce neolitiche in Piemonte**. Torino: Ed.Museo reg. Scienze naturali, 2010.
- ²¹ OSTERMANN, Valentino. **La vita in Friuli. Usi, costumi, credenze popolari**. Colloredo di Monte Albano: Del Bianco Editore, 2010.
- ²² TRAVERSO, Giovanni Batista. **Le miniere d'argento in Sardegna**. Alba: Tip. Sansoldi, 1909.
- ²³ MAGNANI, Maria Cláudia. Sibilas: a sobrevivência das profetisas pagãs no mundo cristão. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 17, n. 54, p. 1571-1599, set/dez. 2019.



- ²⁴ DYREVERKET. Thunderbolts; thunderstones; tordenkiler. In.: **Arkeologi, Kultur, Litteratur (n.p)**. Disponível em: <https://dyreverket.wordpress.com/2011/04/06/thunderbolts-thunderstones-tordenkiler/>. acesso em: 10 out. 2021.
- ²⁵ JOHANSON, Kristiina. The Changing Meaning of “Thunderbolts’ Folklore: **Electronic Journal of Folklore**, Issue no. 42 (2009). Disponível em: <http://www.folklore.ee/folklore/vol42/johanson.pdf>. acesso em: 10 out. 2021.
- ²⁶ JOHANSON, 2009, *op. cit.*, n.p.
- ²⁷ BLINKENBERG (1909) *apud* DYREVERKET, *op. cit.*, n.p.
- ²⁸ DYREVERKET, *op. cit.*, n.p.
- ²⁹ DYREVERKET, *op. cit.*, n.p.
- ³⁰ LEIZAOLA, Fermín de. Fosiles Utilizados como Protectores y Otras Creencias en Torno a Ellos. **Cuadernos de Sección Antropología – Etnografía, Eusko Ikaskuntza**. San Sebastián, 8. p. 59-66, 1991.
- ³¹ MARTÍNEZ, Jesús F. Torres; VELASCO, Antxoka Martínez; MARINÑO, Susana de Luis. Una “Piedra Del Rayo” Recuperada en el Oppidum ee Monte Bernorio (Villarén, Palencia). Sobre la Ceraunia en la Cantabria Prerromana. **BSAA arqueología Universidad de Valladolid**, LXXVII-LXXVIII, 2011-2012, p.219-243, 2011-2012.
- ³² VASCONCELLOS, J. Leite. **Tradições Populares de Portugal Colligidas e Annotadas**. Porto: Livraria Portuense De Clavel & C. Editores, 1882. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=OCEFAAAAMAAJ&hl=pt&pg=GB.S.PR3>. acesso em: 10 out. 2021.
- ³³ VASCONCELLOS, *op. cit.*, p. 64.
- ³⁴ AEROLITES OU PEDRAS que caem do ar. **O Panorama - Jornal Litterario e Instrutivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis**. Lisboa. Typographia da Sociedade, Lisboa, Volume 3, 1839. P. 342. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=AOIGAAAAMAAJ&pg=PA341&dq=meteorito+raio+pedra&hl=en&ei=SHPmTNyJCtmH4gaq5tn4Ag&sa=X&oi=book_result&ct=result&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. acesso em: 10 out. 2021.
- ³⁵ KIMMENGES, Ubirajara Fernandes; NASCIMENTO, Rosemary da Silva. Tempestades, raios e fulguritos (12-14-2017). P. 1-2. **GMGA - Grupo de Mineralogia e Geoquímica Aplicada**. Disponível em: <http://gmga.com.br/tempestades-raios-e-fulguritos/>. acesso em: 10 out. 2021.
- ³⁶ MEDEIROS, Alexandre; MEDEIROS, Cleide. Os raios no imaginário popular. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 2, n. 3, p. 84-96, 2002.
- ³⁷ MEDEIROS; MEDEIROS, *op. cit.*, p. 84-96.
- ³⁸ Estas informações estão disponíveis em: <http://www.inpe.br/webelat/homepage/menu/el.atm/mitos.php>. acesso em: 10 out. 2021.
- ³⁹ Informações do vídeo “Desvendando o mito da pedra raio” disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=nAVYZ_nP4us acesso em: 10 out. 2021.
- ⁴⁰ Informações disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=97Eg5iGFsq> acesso em: 10 out. 2021.
- ⁴¹ BUENO, Lucas de Melo Reis. Entre abrigos e lagoas: tecnologia lítica e territorialidade em Lagoa Santa (Minas Gerais). **Revista de Arqueologia**. Vol. 25, nº 2. p. 62 – 83. 2012.
- ⁴² LISETTE, S. M.; VALENTIM, R. A.; PAULO, A. C., PEDRO, M. P. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **6º Congresso de Ibero-Americano de Investigación Qualitativa**, 6. Salamanca, 2017. Atas. Investigación Qualitativa em Ciências Sociais/Investigación Cualitativa em Ciencias Sociales/Volume 3 Salamanca: CIAIQ, 2017, p. 724-733. Disponível



em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1447> acesso em 10 out. 2021.

⁴³ FAGUNDES, Marcelo. Arqueologia e Paisagem das Terras Altas Mineiras: A Serra do Espinhaço Meridional. In: BAETA, A. (org). **Morro do Pilar: Carta Arqueológica**, 2015.

⁴⁴ BISPO JÚNIOR, Heitor Alves. **Lugares e Gentes**: as relações entre pessoas, paisagem e Arqueologia em Felício dos Santos, Alto Vale do Araçuaí, Minas Gerais (2010-2019). Dissertação de mestrado apresentado à UFVJM. Diamantina, 2020, p. 30.

⁴⁵ Termo da Arqueologia, cunhado por André Prous (1992), referente à associação das figurações rupestres de peixes e cervídeos (veados).

⁴⁶ FAGUNDES, Marcelo. A área arqueológica de Serra Negra: Alto Araçuaí, Minas Gerais – Implantação, repertório cultural e análise tecnológica. **Revista de Arqueologia**. Vol. 27. Nº 2. p. 100-124, 2014.

⁴⁷ Termo da Geologia que se refere ao tempo geológico do período Quaternário da era Cenozoica do éon Fanerozoico iniciado há cerca de 11,65 mil anos antes do presente, após o último período glacial. “O conhecimento arqueológico atual permite a afirmação de que o Espinhaço Meridional foi habitado há pelo menos 10 mil anos (da transição do Pleistoceno para o Holoceno Inicial) por humanos que deixaram vestígios por onde estiveram. O Sítio Arqueológico Cabeças 04 apresentou dados de ocupações humanas holocênicas” (BISPO JÚNIOR. *op. cit.*, p. 27).

⁴⁸ Essa área arqueológica abrange os municípios de Couto de Magalhães de Minas, Rio Vermelho, Felício dos Santos, Itamarandiba, São Gonçalo do Rio das Pedras e Senador Modestino Gonçalves (FAGUNDES, 2015).

⁴⁹ BISPO JÚNIOR, *op. cit.*, p.120. (Entrevista realizada em maio de 2019).

⁵⁰ BISPO JÚNIOR, *op. cit.*, p. 97. (Entrevistado 09).

⁵¹ MACEDO, Thaisa Dayanne Almeida. **“Vou te proteger”**: a Educação Patrimonial como estratégia para proteção e valorização do patrimônio arqueológico do município de Felício dos Santos, MG. Dissertação de mestrado apresentada à UFVJM. Diamantina, 2017, p. 174.

⁵² MACEDO, *op. cit.*, p. 169. (Entrevistado 10).

Artigo enviado para publicação: 16/08/2021

Artigo aceito para publicação: 09/11/2021